

Atena
Editora
2019

**Denise Pereira
(Organizadora)**

Diversidades: Diferentes, não Desiguais 3



Denise Pereira
(Organizadora)

Diversidade: Diferentes, não Desiguais 3

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

D618 Diversidade [recurso eletrônico] : diferentes, não desiguais 3 /
Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Diversidade: Diferentes, Não Desiguais; v. 3)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-092-6

DOI 10.22533/at.ed.926190502

1. Ciências sociais. 2. Igualdade. 3. Psicologia social.
4. Tolerância. I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 302

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Em pleno século XXI deveria ser natural vivenciar a diversidade, pois aceitá-la não é apenas conseguir lidar com gêneros, cores ou orientações sexuais distintas, mas principalmente respeitar ideias, culturas e histórias de vida diferentes da sua.

A intolerância muitas vezes manifestada em virtude de uma generalização apressada ou imposta por uma sociedade, leva ao preconceito. E, esse preconceito leva as pessoas a fazerem juízo de valor sem conhecer ou dar oportunidade de relacionamento, privando-as de usufruir de um grande benefício: aprender e compartilhar ideias com pessoas diferentes.

A partir da discussão de conceitos de cor, raça, gênero, que nada mais é do que um dispositivo cultural, constituído historicamente, que classifica e posiciona o mundo a partir da relação entre o que se entende como feminino e masculino, negro e branco, os autores deste livro nos convidam a pensar nas implicações que esse conceito tem na vida cotidiana e como os arranjos da diversidade podem muitas vezes restringir, excluir e criar desigualdade.

Boa leitura

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE – NARRATIVAS QUE ROMPEM COM AS FRONTEIRAS DA IDENTIDADE	
Ana Claudia Oliveira Neri Alves Algemira de Macedo Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.9261905021	
CAPÍTULO 2	14
COMUNIDADE QUILOMBOLA CONTENTE: TRAÇOS DA MEMÓRIA	
Francisca das Chagas da Silva Alves Maria Jorge dos Santos Leite	
DOI 10.22533/at.ed.9261905022	
CAPÍTULO 3	25
DO CANDOMBLÉ ÀS CIÊNCIAS MÉDICAS: CUIDADO, CURA E EDUCAÇÃO MÉDICA SUSTENTÁVEL	
Luysa Gabrielly de Araujo Moraes Regina Moraes da Silva Araujo	
DOI 10.22533/at.ed.9261905023	
CAPÍTULO 4	34
ENTRE LITERATURA E PSICANÁLISE: RACISMO E SEXUALIDADE EM ANJO NEGRO DE NELSON RODRIGUES	
Maria Aparecida Nascimento de Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.9261905024	
CAPÍTULO 5	45
FRUIÇÃO E MAGIA: DO SILENCIAMENTO À VISIBILIDADE NEGRA NA LEITURA DE LIVROS DE LITERATURA DE TEMÁTICA DA CULTURA AFRICANA E AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO INFANTIL	
Sara da Silva Pereira Vanessa de Senia Monteiro Carneiro	
DOI 10.22533/at.ed.9261905025	
CAPÍTULO 6	55
MÍDIA E NEGRITUDE: O USO DOS FILMES NA (DES) CONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS	
Izaque Pereira de Souza Teresa Kazuko Teruya Wellington Junior Jorge	
DOI 10.22533/at.ed.9261905026	
CAPÍTULO 7	67
O RISO E O LÚDICO NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA AFRO-BRASILEIRO NOS POEMAS SATÍRICOS DE LUIZ GAMA	
Josineide Carvalho Costa Herasmo Braga de Oliveira Brito	
DOI 10.22533/at.ed.9261905027	

CAPÍTULO 8 79

PRECONCEITO RACIAL VIVENCIADO PELA PERSONAGEM CLARA DOS ANJOS NO ROMANCE HOMÔNIMO DE LIMA BARRETO

Leonice Rosa da Cunha Abreu

Zenaide Lima de Sousa

Elio Ferreira Souza

DOI 10.22533/at.ed.9261905028

CAPÍTULO 9 82

RELAÇÕES SOCIAIS DO BRASIL: DO COMÉRCIO ESCRAVISTA DO SÉCULO XVIII AO COMÉRCIO SOLIDÁRIO DO SÉCULO XXI

João Batista Romualdo Alves

DOI 10.22533/at.ed.9261905029

CAPÍTULO 10 87

UMA ÁFRICA VIVA EM SALA DE AULA: OFICINAS DE AFROSABERES

Hinara Dias Juca

Leididaiane Inácio de Sá

Ana Técia de Lima

DOI 10.22533/at.ed.92619050210

CAPÍTULO 11 95

VIDA E MORTE QUILOMBOLA

Adelmir Fiabani

DOI 10.22533/at.ed.92619050211

CAPÍTULO 12 109

LA LECTURA INMAGÉTICA VIRTUAL IDEOLÓGICA Y GLOBALIZADA DE ÁFRICA

Sérgio Rodrigues de Souza

Liliane Rodrigues de Araújo

DOI 10.22533/at.ed.92619050212

CAPÍTULO 13 116

VISÕES CRÍTICAS SOBRE O PRECONCEITO RACIAL NA ESCOLA COM BASE NAS AÇÕES AFIRMATIVAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS CONTEMPORÂNEAS

Cláudio José Araújo Silva

DOI 10.22533/at.ed.92619050213

CAPÍTULO 14 124

CORPOS DEFICIENTES E DIFERENTES: DISCURSO SOBRE A DIVERSIDADE E A POLÍTICA DE INCLUSÃO NO PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO

Terezinha Richartz

DOI 10.22533/at.ed.92619050214

CAPÍTULO 15 133

HISTÓRIA, AÇÕES E REPERCUSSÕES DO PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA

Deyse Morgana das Neves Correia

DOI 10.22533/at.ed.92619050215

CAPÍTULO 16	147
INTERFACES DAS PRÁTICAS DOCENTES COM A LEI 10.639/2003 NO IFCE/CAMPUS JUAZEIRO DO NORTE	
Maria Virândia de Moura Luz Erivana D’Arc Daniel da Silva Ferreira Rosiléa Agostinha de Araújo Marcus Vinicius de Oliveira Brasil	
DOI 10.22533/at.ed.92619050216	
CAPÍTULO 17	157
NOVAS CONFIGURAÇÕES FAMILIARES: COMO A ESCOLA CONTEMPORÂNEA LIDA COM ISSO	
Angela Maria Venturini Emília Naura Santos Bouzada Alexandra Sudário Galvão Queiroz	
DOI 10.22533/at.ed.92619050217	
CAPÍTULO 18	167
NOTAS PARA O DEBATE SOBRE EDUCAÇÃO DO CAMPO E FORMAÇÃO DOCENTE	
Patrícia Fernanda da Costa Santos Luciélío Marinho da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.92619050218	
CAPÍTULO 19	182
O JOGO MANCALA – UMA PROPOSTA INTERDISCIPLINAR PARA UMA ABORDAGEM EM HISTÓRIA DA MATEMÁTICA	
Denise Aparecida Enes Ribeiro José Augusto Pereira Nogueira	
DOI 10.22533/at.ed.92619050219	
CAPÍTULO 20	189
PROJETO PEDAGÓGICO, CONCEPÇÕES E FUNDAMENTOS DE EDUCAÇÃO: UMA ANÁLISE DE ESCOLA DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE SANTA RITA	
Daniele De Souza Farias	
DOI 10.22533/at.ed.92619050220	
CAPÍTULO 21	203
O CORPO NA EXPOSIÇÃO “BOSQUE” DE VELICASTELO	
Guilhermina Pereira da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.92619050221	
CAPÍTULO 22	212
LEITURAS DO CORPO EM TRÊS OBRAS DE HELONEIDA STUDART	
Juliana Braga Guedes	
DOI 10.22533/at.ed.92619050222	
CAPÍTULO 23	222
MÍDIA E POLÍTICA: A LEGITIMAÇÃO DO SEXISMO	
Jucirleia Ferreira de Medeiros Chaves Joselito Santos Tatiana Cristina Vasconcelos	
DOI 10.22533/at.ed.92619050223	

CAPÍTULO 24	228
A EXTENSÃO COMO POTENCIALIDADE NA DES/CONSTRUÇÃO DE SUJEITOS	
Cláudio Orlando Gamarano Cabral	
Marilda de Paula Pedrosa	
Michele Priscila Gonçalves dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.92619050224	
CAPÍTULO 25	234
“NOVO MUNDO”: ENTRE A CARICATURA E A VEROSSIMILHANÇA	
Maria Luand Bezerra Campelo	
Vanessa de Carvalho Santos	
DOI 10.22533/at.ed.92619050225	
CAPÍTULO 26	244
ESTÉTICA DA DISSIMULAÇÃO: A ESTÉTICA PERIFÉRICA DE MACHADO DE ASSIS	
Natalino da Silva de Oliveira	
Joelma de Fátima da Costa Neves de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.92619050226	
CAPÍTULO 27	254
LUTA E RESISTÊNCIA NA TRAJETÓRIA DE JOÃO NERY: [TRANS]PASSANDO A DITADURA CIVIL-MILITAR BRASILEIRA	
Rafaela Costa de Azevedo	
Michelly Pereira de Sousa Cordão	
DOI 10.22533/at.ed.92619050227	
CAPÍTULO 28	267
O ABC DE PATATIVA DO ASSARÉ ENSINANDO SOBRE MEMÓRIA E TRADIÇÃO NO NORDESTE FLAGELADO	
Eduarda Maria Moreira Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.92619050228	
CAPÍTULO 29	277
NO SEU PESCOÇO, UMA ANÁLISE DO DISCURSO NO CONTO DE CHIMAMANDA NGOZI ADICHIE	
Solange Maria Morais Teles	
Rebeca de Alcântara e Silva Meijer	
Antonia Leda Morais de Paula	
DOI 10.22533/at.ed.92619050229	
CAPÍTULO 30	285
IDENTIDADES AO LÉO: UMA LEITURA DE “PONCIÁ VICÊNCIO” E DE “O VENDEDOR DE PASSADOS”	
Leonardo Gomes de Souza	
Lídia Maria Nazaré Alves	
Fernanda Soares Wenceslau	
DOI 10.22533/at.ed.92619050230	
SOBRE A ORGANIZADORA	293

IDENTIDADES AO LÉO: UMA LEITURA DE “PONCIÁ VICÊNCIO” E DE “O VENDEDOR DE PASSADOS”

Leonardo Gomes de Souza

UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais
Carangola - MG

Lídia Maria Nazaré Alves

UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais
Carangola - MG

Fernanda Soares Wenceslau

UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais
Carangola - MG

RESUMO: Objetivamos comparar as personagens: Ponciá Vicêncio, da brasileira Conceição Evaristo e Félix Ventura, do angolano Eduardo Agualusa. A primeira questiona seu nome, herdado do antigo senhor de seus avós. Nessa percepção de perda, desloca-se em busca de sua identidade. O segundo cria identidades para os que o procura. A pesquisa, do tipo bibliográfica, foi iluminada por teóricos que tratam desse assunto, a saber, Cândido (1999), Hall (2015), Fanon (2008), Alves (2009), Spivak (1994) e outros.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura angolana-literatura brasileira-identidade

ABSTRACT: We aim to compare the characters: Ponciá Vicêncio, from the Brazilian Conceição Evaristo and Félix Ventura, from the Angolan Eduardo Agualusa. The first

questioned his name, inherited from the old master of his grandparents. In this perception of loss, he moves in search of his identity. The second creates identities for those who seek it. The research, of the bibliographic type, was illuminated by theorists who deal with this subject, namely, Candido (1999), Hall (2015), Fanon (2008), Alves (2009), Spivak (1994) and others.

KEYWORDS: Angolan Literature- Brazilian Literature-Identity

1 | INTRODUÇÃO

Antoine Compagnon (1999) afirma que “a literatura pode estar de acordo com a sociedade, mas também em desacordo; pode acompanhar o movimento, mas também precedê-lo.” (Cf. COMPAGNON, 1999, p. 37), em outras palavras, a literatura possui uma liberdade que possibilita um novo olhar sobre a realidade que nos cerca. É por isso que decidimos utilizar de recursos literários, com o intuito de discutirmos uma questão altamente produtiva para o aluno de Letras, no que se refere, à sua relação com as humanidades, a saber: a identidade.

Este tema é elencado por vários teóricos, tais como: Zygmunt Bauman (2001), em sua fase líquido-moderna; Stuart Hall (2015), em

sua modernidade tardia; Marshal Berman (1986), com sua contemporaneidade e David Harvey (2006), na sua fala sobre a Pós-modernidade. Todos eles viabilizam melhor entendimento sobre a construção de identidades, em diferentes fases da história, e, especificamente, na fase atual, que os articulistas consideram contemporânea, na esteira de Marshal Berman (1986).

2 | IDENTIDADES EM CONSTRUÇÃO

Conceição Evaristo (2003), em seu romance de fundação constrói a personagem que dá nome ao livro “Ponciá Vicêncio”. Esse livro conta a história de uma mulher afrodescendente, moradora de uma comunidade formada, oficialmente, por ex-escravos. É criada dentro dessa comunidade e aos dezenove anos decide ir para a cidade tentar ganhar dinheiro, construir uma casa e voltar para buscar a família. Na cidade, casa-se, e, após encontros e desencontros, retorna à sua comunidade.

José Eduardo Agualusa (2004), em seu romance “O vendedor de passados”, narra a história de Felix Ventura, legítimo angolano, genealogista por profissão. Essa surpreendente figura trabalha construindo nomes, ou melhor, passados para quem o procura. Um dia bate-lhe a porta um estrangeiro desejoso de seus serviços. Esse torna-se um bom amigo do protagonista dessa história que é narrada por uma Osga, de nome Eulálio.

Ambos os textos apresentam a identidade como uma construção. De fato, no primeiro caso, tal construção é mais velada, mas, a partir do questionamento que a personagem faz de parte do nome, Vicêncio, fica evidente que o mesmo, que a identifica, não é inerente a ela, já que não se origina do seu passado, não é crioulo, por assim dizer. Essa realidade evidencia-se no livro em várias cenas. Uma, em especial, se dá na infância de Ponciá. Na beira do rio ela tinha o hábito de gritar seu próprio nome. Nesse gesto a personagem “Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia seu nome responder dentro de si. Inventava outros. Pandá, Malenga, Quietí, nenhum lhe pertencia também” (EVARISTO, 2003, p.16). O narrador a descreve como um ser inominado.

No segundo caso, tal construção é mais evidenciada, já que fica explícita a construção do nome da personagem, José Bachmann. A despeito da inerência do nome, fica por conta deste somente a aceitação do passado que o redefine.

No primeiro diálogo, entre o futuro José Bachman e Felix Ventura, este insiste em questionar o nome daquele que inesperadamente se faz presente em sua casa. A resposta que ele obtém é: “- Tive muitos nomes, mas quero esquecê-los a todos. Prefiro que seja você a baptizar-me” (AGUALUSA, 2004, p.14).

De fato, ambos os questionamentos são próprios da contemporaneidade, na esteira de Stuart Hall, modernidade tardia. Para ele, “um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas, no final do século XX”. É essa

mudança que vem abalando a ideia que temos de nós mesmos. Entre as paisagens culturais afetadas estão as de gênero, classe, sexualidade, etnia e raça, que durante muito tempo nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais.

Em ambos os casos a identidade nos apresenta como um instrumento que merece ser estudado. A partir dessa ótica, fizemos a análise comparativa entre ambas as obras.

Os fragmentos citados, logo acima, apontam para questões muito presentes na atualidade. Ponciá rejeita toda a carga identitária que advêm do seu nome, de empréstimo, e que não a deixa esquecer de seu passado escravizado. Ela, para responder aos impulsos de recusa ao nome, sai de sua comunidade e se dirige à cidade em busca de melhores condições. No entanto, permanece uma “inominada” (VICÊNCIO, 2013, p.16).

No relato de Felix Ventura são múltiplos os nomes assumidos pelo estrangeiro. Em cada momento ele escolhe uma identidade nova, a fim de se adequar ao ambiente.

Vamos ao que os teóricos nos orientam sobre essa fase conhecida como modernidade, a fim de que, pela fala deles, possamos entender um pouco melhor as relações presentes em nível textual.

3 | UM OLHAR SOBRE A MODERNIDADE

Zygmunt Bauman (2001) nomeia essa fase da história como modernidade líquida. Ele justifica a sua metáfora argumentando que os líquidos têm a incrível capacidade de se adaptar ao espaço onde se situam e sob qualquer pressão se alteram. São instáveis. Em complemento a isso, associamos à ideia de liquidez à de leveza, logo, para o sociólogo polonês, ambas são “metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, *nova* de muitas maneiras, na história da modernidade” (2001, p.8).

Nessa perspectiva, Felix Ventura, é uma grande metáfora das forças de liquefação. Felix é genealogista, um verdadeiro vendedor de passados. O seu trabalho é vender aos seus clientes “um nome que ressoe a nobreza e a cultura” (AGUALUSA, 2004, p.13). Para isso ele “traça-lhes a árvore genealógica. Dá-lhes as fotografias dos avós e bisavós, cavalheiros de fina estampa, senhoras do tempo antigo” (AGUALUSA, 2004, p.13). Felix pega a história de uma pessoa, sólida até então, uma vez que, teoricamente, o passado é imutável, e a liquefaz, para dar origem a um novo passado, com novas personagens e *status*.

Bauman, em sua teoria, afirma que ainda vivemos a modernidade, ao contrário de David Harvey que assume a atual fase como pós-modernidade ou mesmo Stuart Hall com sua Modernidade tardia.

O polonês divide a modernidade em duas fases, a primeira de cunho sólido e a segunda líquida. Na primeira fase, tinha-se uma sociedade organizada em torno

de estruturas rígidas que lhe garantia homogeneidade, segurança, estaticidade, ou seja, na fase sólida, a sociedade possuía moldes permanentes, nos quais, elas se enquadravam. Na fase líquida, esses moldes foram derretidos, liquefeitos. As pessoas já não se guiam por essas fôrmas. Com isso, o ser humano está ao léu, pois os “padrões, códigos e regras a que podíamos nos conformar, que podíamos selecionar como pontos estáveis de orientação e pelos quais podíamos nos deixar depois guiar, [...] estão cada vez mais em falta.” (BAUMAN, 2001, p.14). O ser humano encontra-se abandonado à sua própria liberdade.

Essa fala nos ajuda a entender um pouco da postura de Ponciá Vicêncio, ante seu nome. Este, possui uma carga histórica – sólida – carregada de identificação com um sistema sócio-ideológico. O sobrenome Vicêncio era sinônimo de dominação, uma perene lembrança de que Ponciá era subjugada. Daí a recusa do nome. Símbolo de um sólido social de até então. Esse quadro – solidez social- vem se desfazendo. Hoje, tem-se a fase líquida da modernidade.

David Harvey nos ajuda a entender com mais clareza a fase líquida da modernidade. Essa fase (pós-moderna para Harvey) tem por características “A fragmentação, a indeterminação, e a intensa desconfiança de todos os discursos universais ou [...] ‘totalizantes’” (HARVEY, 2006, p.19). Dessa forma a diferença e a heterogeneidade são motrizes para a revolução cultural.

No romance de Agualusa, quando o estrangeiro permite que a nova situação o batize, evidencia-se toda a fragmentação do homem que não consegue assumir uma realidade por inteiro, assumi-la totalmente, por estar em constante processo de mudança.

A contemporaneidade rejeita tudo o que se coloca como universal. Os sólidos eram, por assim dizer, estruturas perenes que, com o clamor por liberdade, foram abandonados ou redefinidos pela nova ordem social. Nesse sentido, nos lembra Berman (1986), que a modernidade “anula todas as fronteiras geográficas e raciais de classe e nacionalidade, de religião e ideologia.” (p.15), isto é, todos os critérios assumidos pelas sociedades são destruídos pela contemporaneidade.

Os sólidos estavam ligados ao tradicional. Hall afirma que “As transformações associadas à modernidade libertaram o indivíduo de seus apoios estáveis nas tradições e nas estruturas” (2015, p.18). O tradicional foi perdendo, ao longo do processo de liquefação, a sua força. Esta “prende” o indivíduo ao local, territorializa os laços mantidos pelas pessoas, porém, nessa novo momento, “para que o poder tenha liberdade de fluir, o mundo deve estar livre de cercas, barreiras, fronteiras fortificadas e barricadas.” (BAUMAN, 2001, p.22) Isso implica que “Qualquer rede densa de laços sociais, e em particular uma que esteja territorialmente enraizada, é um obstáculo a ser eliminado.” (BAUMAN, 2001, p.22).

Grande parte desse processo se liga a globalização. O local possui outra dimensão atualmente. Se é que se pode falar em local, uma vez que nosso mundo interconectou-se a ponto de se tornar um espaço unificado. Bauman alerta para o fato

de que a característica moderna que se impõe como “atributo crucial” (2001, p.15) é “a relação cambiante entre espaço e tempo” (2001, p.15). A característica singular da globalização não é justamente o domínio do espaço pelo tempo? Hoje as distâncias são mínimas uma vez que, com o meio adequado, pode-se em um curto tempo cobrir extensões dantes nunca imaginadas.

Hall retrata que um dos aspectos da problemática da identidade hoje mantém relação com o “caráter da mudança na modernidade tardia: em particular, ao processo de mudança conhecido como ‘globalização’, e seu impacto sobre a identidade cultural” (2015, p.12).

As grandes transformações que vem ocorrendo nas sociedades, à alta integração da comunidade humana, as novas formas de se organizar, os norteadores da vida humana no hoje são fatores que muito mexeram na noção de identidade. Aliás, foi somente porque todo esse movimento ocorreu que a questão identitária apareceu como algo a ser discutido. Bauman lembra que a alguns anos tal questão não estava no *road* dos assuntos em alta, porém, hoje identidade é “o papo do momento” (2005, p.23).

Para essa virada na forma de se encarar a identidade foi preciso o vagaroso processo de desestruturação e a diminuição da força aglutinadora e integradoras “das vizinhanças, complementadas pela revolução dos transportes, para limpar a área, possibilitando o nascimento da identidade – como *problema* e, acima de tudo, como *tarefa*.” (BAUMAN, 2005, p.24)

Essa fala de Bauman revela que foi preciso, para que a identidade esteja na ordem do dia, um processo delicado de desterritorialização e a vitória do tempo sobre o espaço. Ambos os fenômenos desencadeados pela globalização. Essa realidade impacta a configuração identitária dos novos tempos. Como argumenta Hall.

Este teórico escreve seu livro “A identidade cultural na pós-modernidade” pressupondo, por sua parte, “uma posição basicamente simpática à afirmação de que as identidades estão sendo ‘descentradas’, isto é, deslocadas ou fragmentadas” (2005, p.9).

Em nossa visão, de fato, é uma oportunidade ótima que diversos grupos e indivíduos possam ter vez e voz. Isso só foi possível porque a modernidade quebrou com vários dos sólidos (preconceitos) mantidos até então. Por outro lado, o processo de liquefação gera uma crise identitária no âmbito comunitário, ou melhor, destitui a comunidade enquanto espaço privilegiado de transmissão da identidade.

Uma das consequências disso está no fato de hoje a identidade ser uma tarefa/missão a ser realizada pelo sujeito e não mais algo assumido pelo indivíduo por um senso de pertença a um grupo.

Até pouco tempo, a comunidade era a responsável por transmitir ao indivíduo a sua identidade. Hoje, há o processo de se desvencilhar das mesmas estruturas – tipicamente coletivas. A contemporaneidade impôs um individualismo egoísta. Este leva cada vez mais as pessoas ao isolamento de umas em relação as outras. Quanto

a isso nos recorda Bauman: “A ‘individualização’ agora significa uma coisa muito diferente do que significava há cem anos e do que implicava nos primeiros tempos da era moderna” (BAUMAN, 2001, p.39-40). Aqueles eram “os tempos da exaltação da ‘emancipação’ do homem da trama estrita da dependência, da vigilância e da imposição comunitárias. (BAUMAN, 2001, p.39-40)

Logo, a modernidade é um movimento ambivalente, ou seja, ela permite que as diferenças e os grupos minoritários se expressem, por outro lado, impõe um novo mecanismo de transmissão da identidade. Esta, hoje, não é algo que nos antecede, pelo contrário, ela é uma missão, uma tarefa que todos, indistintamente, temos de cumprir.

Bauman resume sua fala da seguinte forma: “a ideia de ‘ter uma identidade’ não vai ocorrer às pessoas enquanto o ‘pertencimento’ continuar sendo o seu destino, uma condição sem alternativa” (BAUMAN, 2005, p. 17). A globalização quebrou esse inevitável pertencimento. Os indivíduos se tornaram cidadãos do mundo. Prova disso é que o assunto identidade está no discurso do dia.

Enquanto Hall louva o fato de que as identidades estão descentralizadas (voltamos a repetir, uma consequência disso é que mais grupos tiveram vez e voz o que é ótimo) Bauman alerta para o fato de que “estar total ou parcialmente ‘deslocado’ em toda parte” (BAUMAN, 2005, p. 19) é, na verdade, “não estar totalmente em lugar algum” (BAUMAN, 2005, p. 19). O homem ao perder o senso do local, do pertencimento, tornou-se pertencente a todo ambiente, mas sem sê-lo totalmente. O homem se fragmentou.

Marshall Berman nos alerta para o fato de que “Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor” (1986, p.15) em contra partida este “ser moderno” “ameaça destruir tudo que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. (1986, p.15)

Desta fala, evidencia-se a ambivalência desse movimento denominado de tantas maneiras pelos diversos estudiosos.

Bauman ao falar sobre identidade e juventude faz um alerta: “O que mais importa para os jovens é preservar a capacidade de *remodelar* a ‘identidade’ e a ‘rede’ no momento em que surge uma necessidade” (2011, p.19). As novas gerações em relação as anteriores se configuram em outras bases, alerta o sociólogo “A preocupação dos antepassados com a própria *identificação*, exclusiva e única, tende a ser deslocada pela preocupação com uma *reidentificação* perpétua.” (2011, p.19)

Esse processo pode ser observado tanto em Ponciá quanto em Felix. Ela, sempre à procura de si, ele fazedor de sonhos, ou seja, sempre construindo realidades verossímeis.

4 | CONCEIÇÃO EVARISTO E JOSÉ EDUARDO AGUALUSA: IDENTIDADE E CRÍTICA SOCIAL

Como fundamentamos acima, as identidades hoje estão sendo jogadas ao léu, ou seja, em um processo de abandono, de troca de substituição. Esses efeitos são percebidos nas obras.

O contexto da obra de Agualusa é a Angola pós-independente. Este país está com uma burguesia emergente e desejosa de se livrar do passado de país colonizado. Isso pode ser percebido no livro no episódio em que um ministro do governo - pessoa rica - vai até Feliz Ventura, para que este lhe venda um passado. O ministro é descrito como “um homem baixo, gordo, pouco à vontade dentro do próprio corpo” (AGUALUSA, 2011, p. 66). Este ministro é uma metáfora da abundância. Situação vivenciada pela minoria.

Ana Cristina Pinto Bezerra (2012) afirma que Feliz Ventura, um legítimo angolano, possui “um ofício curioso, mas pertinente no contexto angolano em que a burguesia deseja apagar a sua memória colonizada negra e adquirir uma identidade branca” (p. 2).

Uma análise atenta do livro nos leva a conclusão de que Felix Ventura é uma crítica a essa situação. No início do livro, no diálogo primeiro entre o vendedor de passados e José Bachman, apesar de ser albino, Felix não se identifica com a cor branca, ele se declara negro, um indivíduo autóctone. Desta forma, há, na construção de tal personagem, um tom político - ideológico do próprio autor. Esta é, até certo ponto, uma análise Marxista. Dizemos isso na esteira de Conpagnon, quando esse afirma a grande crítica marxista: a vinculação entre: “literatura e ideologia” (CONPAGNON, 1999, p.36)

O livro de Conceição Evaristo, analisado sobre esse viés, se torna uma grande crítica a uma sociedade que ofereceu aos negros uma liberdade formal, mas que de maneira alguma foi uma libertação de fato. Para usar uma metáfora linguística, poderíamos dizer que a classe dos escravos foi documentalmente reclassificada, mas na semântica da sociedade a mudança não ocorreu.

Ponciá é uma inominada, assim como uma deslocada. Alguém que indo para a cidade em busca de melhores condições, depara-se com a dura e triste realidade das novas formas de escravidão.

Ambos os autores são críticos desse contexto. Eles buscam, por meio da literatura, que a realidade seja enxergada com outros olhos, que a vida e a identidade sejam mais valorizadas e que a influência das modernidades sobre esses grupos não faça com que se perca as raízes que se constitui as bases do ser humano.

Esses autores, ao contrário da tradicional literatura europeia que, “propõe, desde Cervantes, uma aprendizagem do indivíduo burguês” (CONPAGNON, 1999, p. 36), em outras palavras, uma literatura “comprometida com valores dos quais seria ao mesmo tempo causa e consequência, sendo o primeiro deles o indivíduo burguês”

(CONPAGNON, 1999, p. 36), os escritores aqui analisados tem um compromisso com grupos minoritários, deixando isso evidente por meio de suas literaturas.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Esse texto buscou mostrar que o nosso mundo está mudando. As pessoas saíram de uma realidade onde a identidade era predeterminada para um mundo onde se pode escolher a identidade que se vai utilizar. Isso é fruto do processo de liquefação muito íntimo da globalização.

Nessa perspectiva, analisou-se as já citadas obras, a fim de perceber como essas relações se fazem presentes nas respectivas literaturas. Tem-se por conclusão que Ponciá Vicêncio mantém íntima relação com Felix Ventura. Ambas as personagens se colocam a cumprir a missão de edificar sua identidade. Ponciá se desgarrá de sua comunidade de origem e vai à procura de outras realidades, Felix faz surgir novas identidades das cinzas do passado.

Essa realidade relaciona-se com a construção da identidade hoje. Nós também estamos na incansável missão de construir nossas identidades e o fazemos a cada escolha, a cada decisão, a cada movimento que traçamos com nossas vidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUALUSA, José Eduardo. **O vendedor de passados**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2011.

_____. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

_____. **Modernidade Líquida**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. 2ª. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BEZERRA, Ana Cristina Pinto. **A construção do personagem Félix Ventura: o “vendedor de passados”** de Agualusa. Revista Crioula. São Paulo, N° 12, 2012. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/crioula/article/view/57865/60911>> Acesso em: 26 de nov. de 2016 .

CONPAGNON, Antoine. **O demônio da teoria: literatura e senso comum**. 1ª. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12ª. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. 15ª. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

SOBRE A ORGANIZADORA

Denise Pereira - Mestre em Ciências Sociais Aplicadas, Especialista em História, Arte e Cultura, Bacharel em História, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Cursando Pós-Graduação Tecnologias Educacionais, Gestão da Comunicação e do Conhecimento. Atualmente Professora/Tutora Ensino a Distância da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professora nas Faculdade Integradas dos Campos Gerais (CESCAGE). Coordenadora das Pós Graduações: MBA em Logística e Supply Chain; MBA em Gestão Estratégica de Pessoas; MBA em Auditoria, Finanças e Controladoria; MBA em Comunicação Empresarial; MBA em Gestão Empresarial. Experiência nas disciplinas de Pós Graduação em: Metodologia de pesquisa, Artigo Científico, Responsabilidade Social, Metodologia do Ensino Superior.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-092-6

